



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Psicologia Social e do Trabalho - PST

IV Turma do Curso de Especialização em Psicodinâmica do Trabalho

### **TRABALHO FINAL DE CURSO**

**Coordenadora: Profa. Dra. Ana Magnólia Bezerra Mendes**

### **TRABALHO E APOSENTADORIA: ANÁLISE PSICODINÂMICA DA PERCEPÇÃO DE SERVIDORES PÚBLICOS QUE ADIAM A APOSENTADORIA**

Apresentado por: Eliene Moreira Curado

Orientado por: Emílio Peres Facas

Brasília - DF

Dezembro 2013



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Psicologia Social e do Trabalho - PST

IV Turma do Curso de Especialização em Psicodinâmica do Trabalho

**TRABALHO E APOSENTADORIA: ANÁLISE PSICODINÂMICA DA PERCEPÇÃO  
DE SERVIDORES PÚBLICOS QUE ADIAM A APOSENTADORIA**

Apresentado por: Eliene Moreira Curado \_\_\_\_\_

Orientado por: Emílio Peres Facas \_\_\_\_\_

Brasília - DF

Dezembro 2013

## RESUMO

O objetivo da pesquisa é compreender, a partir da Psicodinâmica do Trabalho, como as vivências de prazer e sofrimento e as estratégias de defesa utilizadas no trabalho podem influenciar o adiamento da aposentadoria. Foram realizadas entrevistas individuais semi estruturadas com cinco servidores públicos que poderiam estar aposentados há pelo menos seis anos. Identificam-se situações de mal-estar, resignação, indiferença, negação e racionalização entre os participantes que relutam em lidar com a proximidade da aposentadoria compulsória; assim como situações de mobilização subjetiva, inteligência prática, reconhecimento e prazer entre os que se preparam ativamente para a aposentadoria. Conclui-se que a organização do trabalho, ao viabilizar a mobilização subjetiva, pode favorecer tanto a contribuição / retribuição no trabalho quanto o delineamento de projetos pessoais para a aposentadoria. Assim como, ao dificultar essa mobilização, pode privar o indivíduo de reconhecer a si mesmo quando afastado da instituição.

**Palavras-chave:** psicodinâmica do trabalho, prazer-sofrimento, estratégias de defesa, aposentadoria, servidores públicos.

### **ABSTRACT**

The objective of the research is understand, from the psychodynamics of work , as the experiences of pleasure and pain and the defense strategies used at work can influence the postponement of retirement. Semi-structured individual interviews with five public servants who might be retired for at least six years were held. Identifies situations of malaise, resignation, indifference, denial and rationalization among participants who are reluctant to deal with the proximity of mandatory retirement; well as subjective mobilization situations, practical intelligence, reconnaissance and pleasure among those who actively prepare for retirement. We conclude that the organization of work , by allowing subjective mobilization, can facilitate both the contribution / reward at work and the design of personal projects in retirement . As well as to hinder this mobilization, may deprive the individual to recognize yourself when away from the institution.

Keywords: psychodynamic work, pleasure-suffering, defense strategies, retirement, public servants.

## INTRODUÇÃO

Na atual sociedade ocidental e capitalista, a existência humana se divide em preparação para o mundo do trabalho, o trabalho em si e o pós-trabalho. Os indivíduos, porém, preparam-se apenas para ingressar nesse mundo, mas não para sair dele, segundo Bernhoeft (Marinho et. al., 2007). Em razão do significado do trabalho e do aumento da longevidade, organismos internacionais passaram a se preocupar com os trabalhadores mais idosos, recomendando, por exemplo, flexibilização da jornada de trabalho e programas de preparação para a aposentadoria (França & Soares, 2009; Sobreira Netto & Pereira Netto, 2008).

O trabalho é “objeto de múltipla e ambígua atribuição de significados e/ou sentidos” (Borges & Yamamoto, 2004 p.24), pejorativos ou enaltecidos. Com o capitalismo, seu objetivo deixa de ser apenas a satisfação das necessidades básicas para se tornar o centro da vida humana. Para alguns, é meio de subsistência, associado a esforço ou sofrimento; para outros, é fonte de prazer e criatividade, associado a justiça, segurança, autonomia e autodesenvolvimento (Novo, 2010). Muitos não tiveram oportunidade de escolher suas profissões nem obtiveram satisfação com elas e, ainda assim, adaptaram-se às situações de trabalho – salário e benefícios, o percurso até a organização, objetos e mobiliário, os colegas, o *status* ou o poder conferido por algumas ocupações, o fato de ter o que fazer. Tudo isso estabelece um senso de pertencimento (França, 2002).

O trabalho torna-se, então, uma grande fonte de significados, conferindo sentido à própria existência desde a infância por meio dos processos de socialização. Socialmente, ele é o principal fator de organização da vida – horários, atividades,

relacionamentos e mesmo o lazer se ajustam ao trabalho. Psicologicamente, é essencial para o desenvolvimento do ser humano, seu autoconceito e autoestima, moldando aspirações e estilo de vida (Zanelli & Silva, 1996). Como a identidade psicológica e social se forma na relação com os outros, o trabalho provê uma ampla rede de significados e identificações. Os colegas de trabalho compartilham vivências que atingem cognitiva, emocional e politicamente os indivíduos de modo a estabelecerem representações de si relativas àquele contexto profissional específico (Soares & Costa, 2011).

É relevante para a formação da sociedade civilizada por ser, principalmente por seu intermédio, que a cultura oferece meios de partilhar o que seria apenas uma conquista ou aprendizado individual. É uma das alternativas culturais para a sublimação das pulsões, assim como as artes e as ciências. Entenda-se sublimação como um processo em que a pulsão é dirigida para outro fim que não a satisfação sexual. É a transferência da “... energia pulsional, que inicialmente é dirigida para as figuras parentais com objetivo de satisfação imediata, para as relações sociais com satisfação mais altruísta.” (Mendes, 1995, p.37).

Para que ocorra sublimação, é necessário que haja ressonância simbólica, isto é, uma compatibilidade entre a organização do trabalho e a organização da personalidade de modo que se possam reinterpretar as relações psíquicas infantis, permitindo a criação da própria história e identidade. Assim, a organização do trabalho deve proporcionar ao adulto um espaço de criação como a brincadeira ou jogo proporciona à criança (Dejours, 2011a). Quando há “... uma negociação bem sucedida entre desejos inconscientes do sujeito e a realidade.” (Mendes, 1995, p. 36), isto é, quando há identificação com as tarefas, com os valores e práticas da organização, percepção de sentido no que se faz e

possibilidade de exercer a criatividade, o trabalho se constitui fonte de satisfação das necessidades psíquicas e de vivências de prazer. Entretanto, nem sempre o trabalho permite a sublimação, causando sofrimento pelo não atendimento das necessidades psíquicas. Nessa situação, é possível que ainda haja algum espaço para a inteligência prática ou processos de reconhecimento simbólico, que podem tornar as contingências de trabalho mais agradáveis, configurando o sofrimento criativo que também pode levar a obtenção de prazer. Quando não há espaço para esses processos, enfrenta-se o sofrimento por meio de mecanismos de defesa, de forma individual ou coletiva, gerando somatizações, dificuldades de relacionamento e adoecimento (Dejours, 1987/2011).

Em suma, o trabalho pode ser nocivo, mas também benéfico à saúde física e psíquica. É favorável quando livremente escolhido e quando sua organização pode ser adaptada às necessidades intelectuais, motoras e psicossensoriais do corpo e à personalidade do trabalhador. Há pessoas que se sentem melhor após o trabalho porque ele lhes oferece meios de realizar ideias e aspirações. Não trabalhar priva o sujeito de um espaço de autoexpressão, o que também pode ser danoso à saúde. O ideal não é o estado de inatividade ou desemprego, a questão não é escolher entre trabalhar e não trabalhar, mas qual trabalho exercer (Dejours, 1986, 1987/2011).

Dejours (2011b) propõe “atividade coordenada útil” (p.448) como definição de trabalho, ou seja, uma ocupação com um propósito, que envolva um coletivo e que tenha valor técnico, social ou econômico. Isso não se aplica ao lazer (falta-lhe o critério de utilidade), mas se aplica a várias atividades associativas, políticas, artísticas e educativas. Portanto, pode-se concluir que, ao se aposentar de um trabalho formal, existem várias formas de se obter a gratificação que aquele proporcionava.

A aposentadoria, nesse ínterim, pode configurar uma fase ameaçadora pela perda de uma importante via de sublimação ou oportunidade de constituir outras vias, talvez mais gratificantes. Mas, se a organização do trabalho impede a mobilização subjetiva, favorecendo o sofrimento patogênico, a aposentadoria pode sinalizar uma salvação. O fato é que muitas pessoas passam anos sonhando em se livrar do trabalho, repetindo reiteradamente como viverão melhor aposentadas. Assim, supõe-se que se aposentarão logo que reúnam os requisitos legais. Contudo, há servidores públicos que postergam a decisão de se aposentarem até a aposentadoria compulsória, quando aos 70 anos de idade são aposentados automaticamente pela Administração Pública, conforme Lei 8.112 de 11 de dezembro de 1990.

Para investigar como as vivências de prazer e sofrimento e as defesas empreendidas para lidar com o real do trabalho influenciam a permanência no trabalho, quando se pode escolher a aposentadoria, será adotada a Psicodinâmica do Trabalho como referencial teórico. Esta disciplina, inspirada na Psicanálise e na Ergonomia, visa compreender a relação entre o trabalhar e o trabalho por meio de uma escuta qualificada de todos os saberes e afetos que implicam o trabalhar (Mendes & Araújo, 2012).



## **MÉTODO**

Participaram da pesquisa 5 servidores públicos efetivos, sendo 2 homens com 66 anos de idade e 3 mulheres com 68 anos. Eles trabalham há mais de 30 anos no mesmo órgão público, mas em setores diferentes, e estão aptos a requerer a aposentadoria há pelo menos 6 anos. Os dados foram coletados por meio de entrevistas individuais semi estruturadas, com duração média de 49 minutos, as quais foram gravadas e transcritas. Utilizam-se nomes fictícios para preservar os entrevistados, os quais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A instituição é nomeada de XZ com o mesmo fim. Procedeu-se a uma análise qualitativa do discurso de cada participante a exemplo da Análise Clínica do Trabalho empreendida por Rossi (2008, p.146-182), pois é a partir da escuta qualificada do discurso do sujeito que se podem apreender as vivências no trabalho assim como as expectativas quanto a aposentadoria.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

São apresentadas as histórias dos entrevistados a partir de seus próprios relatos, em que cada um descreve sua relação com diferentes aspectos do trabalho e suas expectativas quanto à aposentadoria. Em seguida a cada história, serão discutidas vivências de prazer e sofrimento, estratégias defensivas, o significado do trabalho e da aposentadoria, dentre outros aspectos.

### A história de Abigail

*O primeiro (setor em que trabalhou), fazia tudo. Eu levava cafezinho nas sessões. E lavei muito chão. Depois que nós passamos para lá, esse da recepção de Xerox (...) uma verdadeira gráfica. Recepção de receber os trabalhos, telefones, organizar, saber como eram divisórias de trabalho (...) tudo era uma pessoa só para fazer isso. E lá, menina, lá era dureza tirar cópia. Aí já era trabalhar com as vistas e com a cabeça. Muita coisa. Minhas vistas estavam até boa, sabe, mas lá minha vista piorou muito... Mas, olha, a gente tirava cópia de livro demais. Você não pode microfilmар nada no claro. Se não você estraga o trabalho. Menina, eu fiquei ali só nesse escurinho mesmo cinco anos contados.*

*(...) Quando foram me visitar, elas (colegas de lotações anteriores) assustaram: “É aqui que você trabalha?! Deus me livre!”. Aí uma falou assim “Vou pedir alguém para arrumar um lugar para você, que eu estou morrendo de dó de você.”. Aí eu “Não, menina. Eu vou aguentando.”. E fui ficando, porque quando você é sossegado... Eu não sou pessoa de ficar pulando de galho em galho, porque tem gente que está em um lugar e “Ah, vou pedir para ir para aquele lugar”. (...) Eu só sei que eu senti que minha vista*

*não tava boa aí eu perguntei para esse pessoal que vai no lugar para vê se tem salubridade, alguma coisa assim... Mas, não quis ir no médico, não. Eu fui no protocolo, preenchi um papel (questionando insalubridade) e mandei para cá. Mas não aprovou nada. (...) Que não era para eu ganhar nada não, que aqui não era insalubre, negócio assim. Mas eu conheço umas pessoas que ganharam, senhores lá que ganharam. Não sei se é porque a gente é mulher... Que não tem muito valor, né? (...)*

*E tinha uma colega minha que ela é analista... Ela pegou uma mesa lá na frente e falou “Você não vai ficar mais aí, não. Agora você vai me ajudar a fazer uns trabalhos” e eu fiquei lá ajudando ela sempre que precisou fazer contagem de documento, tirar essas coisas (apontou para grampos), tudo eu faço, carimbar documentos, tudo. E depois chegou um outro chefe agora e ele pôs uns telefones para mim atender também. Aí eu atendo. É uma recepção.*

*(...) Onde eu fico é uma mesa e um armarinho. Agora daqui para lá tem mesas de outros funcionários. Eu fico na frente, porque eu que recebo, perto da porta. É, mas eu fico bem longe deles, porque a sala é comprida. Eu nem vejo a cara deles às vezes, só se eu espiar assim para ver a cara deles no computador... É bom (o relacionamento com os colegas). Graças a Deus, eu sou uma pessoa que me dou bem com todo mundo... São um pouco para lá, assim... Mas não é de muito papo comigo, não. Quando tinha a minha colega, que aposentou, era uma rasgação de seda. Mas só que eu, a minha irmã falou assim “Não importa com isso, não”. Besteira, né, as pessoas exaltam um e outros, humilha. Não importei, não. (...) Uma vez eu estava lá (ao computador) e ele (colega) falou assim “Quer dá licença?”. Eu falei assim “Nossa! Estou vendo um negócio urgente para mim aqui. Está bom, sim senhor.”. Levantei. Porque eu não tenho computador, eu só sento para ver alguma coisa quando saíram aqueles rapazes.*

*Minhas colegas ficam danadas: “Mandeí um email para você”. Aí eu falo “Ah, minha filha, não me manda porque eu não tenho nada.”. Elas falam “Que vergonha não ter um computador. Todo mundo aqui tem, até os adolescentes (estagiários de nível médio)...”.*

*(...) Estou (preparada para se aposentar) (...). Já mexi com isso tudo (consultou o setor responsável por aposentadoria), só estou esperando... Esperando ver as minhas férias, eu vou tirar primeiro. (...). Eu não sei (até quando pode trabalhar). É no mês que fizer 70, é perigoso que eles mandem embora. A pessoa é expulsa, eles (colegas) falaram. Eu vi duas pessoas que foram. Um colega meu que chama Zezinho foi. Quando ele chegou, cadê? “Não, você não tem ponto aqui, não. Você já foi.”*

*(...) Minha aposentadoria é simples. Eu faço mil coisas. Olha, eu gosto de estudar línguas, gosto de cantar (...). Ah, eu não aposentei antes porque eu queria receber negócio de plano de carreira. Eu não ganho nenhuma gratificação aqui. Esse negócio que o povo fala... As meninas falam “Eu ganho isso” e... Melhor, né?! Um monte de gratificação que eles ganham que eu não sei... É porque eu fico esperando melhorias para nós, porque eu que ajudo em casa, em tudo. (...) Eu não sei (se continuaria a trabalhar após os 70 anos se fosse permitido por Lei). Eu tenho a impressão que não, porque aí... Eu estou muito antiga, né? ...*

Abigail descreve situações que apontam um mal-estar no trabalho: os anos de microfilmagem a que atribui prejuízo da visão; a negativa do adicional de insalubridade; não acesso ao computador; pouca interação com os colegas de trabalho. Esse mal-estar leva “à necessidade de mudanças das circunstâncias percebidas como negativas e que, se não processadas ou se fracassadas, redundam em um estado inercial e de sofrimento” (Antloga & Avelar, 2013, p. 243). Contudo, são percebidas ações ineficientes

(requisição de adicional de insalubridade pouco fundamentada, sem avaliação médica) ou nenhuma ação (não solicitou computador nem mudança de lotação), indicando resignação, desistência e submissão diante desse mal-estar.

Essa baixa mobilização subjetiva pode se dever aos mecanismos de defesa empregados: ora racionalização (justifica a não concessão do adicional de insalubridade com questões de gênero que lhe parecem aceitáveis), ora negação (diz relacionar-se bem com os colegas, mas não interagem), ora projeção (atribui a outros a vergonha pela falta de computador, o desejo de mudar de seção; a humilhação com o modo como é tratada pelos colegas). Isso porque os mecanismos de defesa, na medida em que visam proteger a integridade psíquica do indivíduo, impedem a consciência das ameaças, dificultando ações concretas que poderiam transformar a realidade, o que leva à alienação e à perpetuação do sofrimento (Cançado & Sant'Anna, 2013). A adoção mais freqüente de mecanismos de defesa, em vez da mobilização subjetiva, ocorre em razão de que esta “é bastante afetada pela fragmentação da solidariedade e falta de reconhecimento” (Ferreira, 2013, p.277). Isso pode ser corroborado pela maneira como descreve suas relações de trabalho, sugerindo “um processo de decepção e desesperança, especialmente pela desesperança de não ser ouvido e nem reconhecido” (Lima, 2013, p. 354). Quando não toma iniciativa de mudanças, Abigail configura-se como um indivíduo predominantemente heterônomo, que consente no aprisionamento de sua subjetividade e em não fazer as próprias escolhas, por medo ou fraqueza, apegando-se à esperança e postergando o prazer (Siqueira, 2013).

Não são apresentados aspectos positivos do trabalho que justifiquem não se aposentar. Uma possível explicação seria a esperança acima citada, neste caso vaga e relacionada ao fator financeiro, de melhoria futura, haja vista sua remuneração ser

relevante para sua família. Outra hipótese seria a falta de perspectivas quanto à aposentadoria. Sua atitude perante a aposentadoria e o trabalho são similares quanto à disposição para a ação. Apesar de se dizer preparada para a aposentadoria, não sabe até quando pode efetivamente trabalhar nem parece compreender os procedimentos da aposentadoria compulsória. Mesmo afirmando ter interesse por outras atividades (canto e idiomas) que praticaria na aposentadoria, não demonstrou entusiasmo por elas na entrevista. Infere-se, assim, que Abigail não vislumbra possibilidade real de bem-estar seja no trabalho, seja na aposentadoria. Seu relato com indícios de alienação, isolamento, inércia e resignação parecem tornar o mal-estar, para ela, a única realidade possível, como se passasse a ser “a única e real propriedade da pessoa despossuída e destituída” (Antloga & Avelar, 2013, p. 248).

### **A história de Durval**

*(Sempre trabalhou) nessa coordenação (...). Só sei que eu nunca saí daqui. Desses 32 anos, eu só trabalhei seis meses na presidência da XZ (...). Aqui é seção de registro. Aí quando chega já está tudo certinho, a gente só vai implantar. Implantar, se tiver atestado justificando falta, a gente tira, manda memoranda para o serviço de pagamento de parlamentar. (...) Todo final de legislatura tem que mandar para o arquivo geral aqueles (a documentação) que não foram reeleitos. (...) O serviço aqui é uma rotina quase. Mas não pode deixar (para o dia seguinte). Daqui a pouco, gente liga cobrando. E aqui quando cobra, é só da Presidência...*

*(...) Olha, eu estou aqui na XZ, a XZ me paga para eu trabalhar, certo? Eu não tenho o que dizer do serviço, o que tiver que fazer, eu faço. E não acho nada ruim. Eu tenho 32 anos de XZ, a XZ nunca me pagou um mês atrasado. Um mês, de 32 anos! Eu*

*tenho que trabalhar satisfeito, com certeza! (...) Ter alguma coisa para fazer... é bom para mim, eu acho bom. (...) O chefe gosta do meu trabalho, apesar de eu ser o mais velho daqui, mas é porque eu não rejeito trabalho, não. Sempre fui assim.*

*(...) Me sinto bem. Já estou saindo também, né?! Ano que vem já vou embora... Na verdade, já era para eu ter ido há muito tempo, porque eu já tenho 42 anos por aí (de tempo de contribuição para aposentadoria). (Continuou a trabalhar) para colocar as coisas no lugar, porque se a gente sair assim a toque de caixa, como eu já vi exemplos aqui na XZ. Pessoas saem com dívida, o salário cai. Você sabe disso? (...) Aí você tem que sair sem dívida, sair tranquilo, porque a partir dali é uma nova vida. (...) Tenho filho fazendo faculdade. Ano que vem todo mundo termina.*

*(...) Dizem que o pior de tudo, por exemplo, eu tenho 65 anos, então dizem que você não pode é completar 70. Por quê? Completou 70 hoje, amanhã você não pode vir aqui mais. Fazer o quê? Isso é ruim, as pessoas me falaram que é ruim. (...) Eu acho que já chegou a minha hora também, eu estou cansado. (...) Tem hora que eu queria ficar em casa. Aí quando eu passo um feriado desses prolongados, estou doido para chegar segunda-feira para eu vir para cá. E aí eu não sei como que vai ficar. Estou confuso. (...) Ah, sei lá (do que sentirá falta)... 32 anos não é brincadeira. Subir essa rampa aí... A gente sente falta da XZ porque... Igual uma mulher falou “a XZ é meu pai, minha mãe, meu irmão, meu avô, meu bisavô”... A XZ me sustenta, né, me dá tudo.*

*(...) Nunca fui (procurar o setor que oferece preparação para aposentadoria) porque ninguém vai me preparar. O colega aqui já fez. Era para eu ter ido, mas eu nem fui. Pode ser que eu vá ainda... (...) (Na aposentadoria), já não vou mais de carro. Roupa, sapato... Não. Vou usar uma bermuda, chinelo Havaiana e o que mais... Não vou gastar gasolina todo dia, eu não vou andar à toa. (...) Não, eu sou ruim de*

*vizinhança. Eu gosto é de andar... Não sei (o que fará aposentado). Só sei que ficar parado não pode. E o quê que eu vou fazer? Me dá uma ideia aí.... Nem dominó! Não gosto de jogar jogo nenhum. Tem uns caras que sentam numa mesa lá jogando dominó o dia todo. Não suporto aquilo. Aí eu penso: O quê que eu vou fazer?(...) Dizem que é bom dar umas viajadas. Teve um colega meu que disse “Rapaz, até viajar você enjoa”. (...) Caminhar, fazer caminhada. E até vou fazer uma nataçãozinha, né? Eu vou arranjar alguma coisa...*

Ao contrário de Abigail, Durval não enumera vivências de sofrimento no trabalho, porém, ainda assim, observam-se negação (quando declara categoricamente nada perceber de ruim) e racionalização (quando justifica porque pensa dessa maneira). A racionalização, em especial, constitui uma das estratégias defensivas de proteção, caracterizadas por modos de pensar, agir e sentir compensatórios (Moraes, 2013). Essa atitude compensatória é percebida quando diz ter que trabalhar satisfeito por ser pago para trabalhar e nunca ter tido o pagamento atrasado. O destaque dado por Durval ao valor utilitarista do trabalho remete à ideia de que "para a maioria das pessoas comuns, ter acesso a um emprego e conservá-lo... faz parte da ‘disciplina da fome’. O trabalho é antes de tudo um ganha-pão” (Dejours, 2011c, p. 206). Além disso, todo o esforço do indivíduo para um ajuste viável entre sua subjetividade e o real do trabalho implica um investimento de tal ordem que o simples desligamento, sem certezas sobre a nova vida, não parece uma opção. Surge, então, uma hesitação, manifestação consciente de um conflito de toda a subjetividade (Dejours, 2011c), ilustrada por Durval quando diz estar na hora de se aposentar, sentir-se cansado e querer ficar em casa, mas se sentir também confuso por desejar retornar ao trabalho quando se afasta temporariamente.



Ao expressar não rejeitar trabalho e fazer o que tiver de ser feito, Durval revela uma predisposição a acatar ordens e realizar tarefas sem questionamentos, características da servidão voluntária, uma estratégia de defesa que oculta sofrimento por meio da obediência aos gestores ou às normas organizacionais. É uma forma de autodoação em que a subjetividade do indivíduo se submete à organização, podendo se fundir a ela e, com ela, identificar-se intensamente a ponto de assumir os valores organizacionais como seus e privilegiar sua identidade funcional em detrimento da pessoal (Calgaro, 2013). São indícios dessa supervalorização da identidade funcional: o destaque reiterado aos 32 anos de trabalho; a citação da colega que compara a organização à família; a declaração de que a organização lhe dá tudo.

Infere-se que é em decorrência de uma pouca clareza quanto à sua identidade pessoal, dissociada do trabalho, e aos anos de heteronomia que não fez ainda planos para a aposentadoria nem mesmo pode citar atividades de interesse. Pelo contrário, cita opiniões e práticas alheias e pede sugestões à entrevistadora. Portanto, além da razão apresentada por Durval para não ter se aposentado, organização das finanças, observa-se também que o apego ao papel profissional em detrimento de outros papéis e o raro exercício de autonomia durante a carreira parecem tornar a aposentadoria ameaçadora.

### **A história de Eliza**

(Sua atividade é) *fazer memorando de ocupação e outro de desocupação* (dos imóveis residenciais funcionais). *De entrada e saída, entendeu? Vem de lá dizendo qual é a ocupação. (...) É só fazer memorando para concretizar, entendeu?! Registrar, porque já está concretizado. Aí eu faço e mando para lá, entendeu, para a seção. (...). Só eu de manhã aqui* (naquela sala), *de 8 às 13h. (...)* (Falha no sistema de informática)

*não, não atrapalha. Porque não tem prazo, não tem nada, não é? Aqui na coordenação, é muito bom tudo. Eu não tenho nada a reclamar. Os colegas são bons... Eu gosto... Mais tranquilo (em relação à lotação anterior), melhorou em todos os sentidos porque (...) não tinha tempo para nada. Não fazia academia, não caminhava, porque aí eu ficava com a sessão noturna. Antes tinha a sessão noturna de segunda a quinta.*

*(...) Só vou sair na expulsória. Vou até o último dia que for para eu ficar, eu fico. Por enquanto eu não tenho nada para fazer, graças a Deus. Nada para fazer, assim... Me aposentar para ficar... Porque se eu ficar em casa, eu só fico comendo e dormindo. Ou então eu vou para a rua todo dia fazer não sei o quê, passar o dia inteiro lá (clube). (...) Não sei o que eu vou fazer. Eu não gosto de andar em shopping, porque eu gosto de comprar. Se eu vou lá, vou ter que comprar, então não quero gastar, entendeu?! Porque quando eu viajo muito, então eu prefiro comprar fora. Vou ter que estudar inglês e francês para aproveitar as viagens e preencher o tempo também, né, porque se eu ficar sem nada também não é bom.*

*Eu tenho uma irmã que ela se aposentou daqui tem muito tempo. Aí depois ficou com depressão, queria voltar (a trabalhar)... Um dia eu cheguei na casa dela com a minha outra irmã e ela abriu a porta e disse que queria se matar, queria voltar...Mas, a pessoa se acostuma também, né?! Sem horário, sem nada. Depois ela melhorou da depressão, aí não se interessou mais... É. Até hoje, está desse tamanho, só fazendo comida. Porque você fica em casa, você fica por conta de casa, de comida, vai no supermercado...*

*(...) Eu sentiria falta (de ir para o trabalho). Eu acordo e fico pensando “Vou para onde?”. Sábado e domingo eu acordo e, se não tiver nada programado, nenhum convite, almoço, sair, não sei o quê... Porque tudo, assim também, o convite é para casa*

*de amigo. Que eu sentiria mais falta? De vir aqui, do contato com os colegas. Entendeu, porque aqui (nesta cidade) você não conversa com ninguém, né, você não encontra com ninguém na rua. (...) Acho (que continuaria a trabalhar além dos 70 anos) porque tem mais com o meu jeito de ser, eu não tenho nada para fazer.*

*(...) Porque como eu tenho o abono de INSS, porque quando você completa o tempo e não sai, você tem o abono, né, não sei se tu sabe. Aí eu não desconto INSS, quando eu for aposentar, eu vou ter que pagar... Não, não vi (como ajustará o orçamento). É, porque aí eu viajo, não faço economia, entendeu? Eu quero ir para algum restaurante, eu vou. (...) Eu não (não começou a se preparar para aposentadoria). Eu acho que eu vou começar a cuidar no último minuto. Eu acho. Já assisti palestra lá de aposentadoria, né, mas não vou começar a cuidar agora, não.*

Notam-se semelhanças entre os relatos de Durval e Elisa. Ela também não descreve vivências de sofrimento no trabalho, tampouco vivências de prazer. Afirma que nada tem a reclamar, o que sugere negação como mecanismo de defesa. Expressa pontualmente, sem exemplo ou descrição, que tudo é muito bom, os colegas são bons, falhas no sistema de informática não atrapalham, denotando certa indiferença quanto a quaisquer aspectos positivos ou negativos do trabalho. A indiferença, também uma estratégia defensiva, “pode ser encontrada em situações em que o risco, o sacrifício, a insatisfação, o aborrecimento no trabalho só são suportáveis se não forem relatados, falados, admitidos” (Dejours, 2011b, p.440).

Mesmo assim, o trabalho, por não se resumir ao aspecto utilitarista, exige um engajamento físico, cognitivo, afetivo e social, tornando seu sentido ou falta de sentido relevante para a subjetividade. Isto é, “mesmo alienado, o trabalho é menos deletério que a privação de trabalho” (Dejours, 2011d, p.256). A explicação de Eliza para não ter se aposentado quando já poderia legalmente tê-lo feito é não ter mais nada a fazer, pois trabalhar é seu jeito de ser. Portanto, percebe-se uma dúvida sobre quem é na falta do trabalho, corroborada por uma

dificuldade já existente de se ocupar nos finais de semana. A exemplo de Durval, há um desconforto ou mesmo uma ameaça em ter que, ao se afastar da organização, exercer uma autonomia – “independência de vontade que viabiliza o processo de constituir-se sujeito, a construir sua própria história de vida” (Siqueira, 2013, p.64) – após décadas de sobreposição da identidade e valores profissionais a identidade e valores pessoais. O fato de listar possíveis atividades futuras sem demonstrar entusiasmo por elas sugere esse desconhecimento da própria vontade. Além disso, suas expectativas quanto à aposentadoria são afetadas pelo exemplo da irmã, pois atribui ao não trabalho sua depressão e sobrepeso, remetendo à idéia de que essa situação pode ser realmente deletéria.

### **A história de Érico**

*(...) De funcionário da XZ eu tenho 34 anos, (...) contratado como jornalista. (...) Mas eu sempre fui vinculado a gabinete, em razão até de militância política. (...) Usando atividade jornalística nesses lugares (setores) onde eu estive (...). Mas sempre fazendo assessoria política, assessoria jornalística. (...) (Hoje) não mais fazendo atividade do dia a dia de jornalismo. É mais fazendo pesquisas, trabalhando em artigos da página (da internet). (...) Eu redijo, eu às vezes implanto também, posto...*

*(...) Foi porque eu trabalhei em jornal e já não estava me interessando mais aquele aspecto essencialmente comercial e sensacionalista (...). Então para mim foi bom fazer um trabalho mais gratificante (quando ingressou no atual órgão), tanto em termos profissionais, quanto em termos pessoais. Continuo achando (gratificante). O que mais me agrada é escrever, você sabe que jornalista vive de escrever. De escrever, de pesquisar, de encontrar. Eu tenho grande prazer na leitura. (...) Eu também gosto de fazer eventos, debates, entende? É tudo isso! (...) Eu acho que eu sou o mais velho (da equipe) (...), mas tem uma interação muito boa. (...). Eu estou satisfeito. Não é que seja*

*o melhor dos mundos, porque sempre falta alguma coisa. (...) Mas, atualmente, pelo ritmo que a gente tem e o entrosamento que tem, a coesão da equipe é muito boa. (...) Às vezes, tenho problemas de equipamento que não funciona, de internet lenta, então o que fiz? Eu tenho meu próprio computador, minha própria internet...*

*(...) Mas se pudesse, eu trabalharia até os 80. Eu estou com 66 anos, não vou mudar muito quando chegar aos 70, né, porque eu gosto de exercícios físicos, tenho uma rotina boa de saúde, eu tenho uma alimentação regrada (...). Então quando você está nessa idade, chega aos 70 anos, você está na flor da idade, entendeu? No auge da sua experiência, do seu descortino da vida, da sua perspectiva da vida. Então, de repente, você é obrigado a se aposentar. Eu acho isso errado. (...) O pessoal (familiares) fica até me pressionando para aposentar “Ah, você tem que descansar”, mas a única coisa que eu não quero é descansar. (...) Eu gosto do trabalho, eu me empolgo com o trabalho.*

*(...) Eu já estou me preparando para a aposentadoria, estou fazendo um horário corrido. (...) A XZ tem uma política muito boa para isso, né, tem cursos para pessoas que aposentam se preparar... Eu acho importante, mas eu não vou fazer porque eu acho que não preciso, converso com muita gente que faz... E também eu não tenho tempo (...). Mas eu não penso em me aposentar (parar de trabalhar totalmente) porque tenho um ritmo grande de trabalho e eu acho que se eu ficar sem trabalhar, eu vou ter um certo... Eu já estou iniciando algumas atividades, já tenho um blog, um trabalho voluntário em uma televisão local da TV comunitária (...) com entrevistas políticas (...) eu reproduzo no YouTube. (...) Eu noto esse povo que está sem trabalhar (alguns colegas aposentados), sem fazer nada, meio tristes, não estão satisfeitos com isso, porque é uma coisa, você sabe como que é isso, é uma rotina que você precisa ter...*

(...) (Quando trabalhou em jornal), *tinha um ritmo muito intenso e (...) em Londres* (atuou como correspondente), (...) *me deu uma espécie de depressão, porque eu parei de repente* (o ritmo), *entendeu? Aí com aquilo, eu fiquei louco. Foi quando eu (...) fiz vários cursos lá justamente para preencher o tempo, porque senão eu ia ficar doido. (...) Tem aquela história do “gato escaldado tem medo de água fria”, é o meu caso. (...) Então eu, por exemplo, não penso em me aposentar* (deste órgão), *a não ser quando tem algum problema (...), às vezes você não gosta de determinadas políticas e aí você pode sair. Mas por enquanto, não, eu me encontro muito bem lá.*

Apesar de não exemplificar, o discurso de Érico indica vivências de prazer no trabalho. Utiliza expressões como “me agrada”, “prazer”, “gosto”, “me empolgo” referindo-se às atividades; “interação muito boa”, “entrosamento”, “coesão” referindo-se à equipe de trabalho; e “gratificante”, referindo-se ao órgão. Além do que, deseja continuar trabalhando por mais de uma década e critica a aposentadoria compulsória. Percebe-se nele, então, o prazer como mobilizador do sujeito para agir em busca da gratificação e da realização de si. Contudo, as situações reais de trabalho são complexas de modo que “o sofrimento pode andar lado a lado com o prazer” (Dejours, 2011e, p.189). É o sofrimento advindo do encontro da história do sujeito com a organização do trabalho que o impele a mobilizar-se para a superação da dificuldade e a transformação da realidade. Nota-se que Érico, apesar de vivenciar prazer, percebe as limitações do real do trabalho e cita uma maneira que encontrou para dar conta deste trabalho (usar computador e internet próprios em vez dos disponibilizados pelo órgão).

Observa-se uma grande identificação com as atividades que exerce (pesquisar, analisar, redigir, dentre outras), pois se dedica externamente a atividades semelhantes relacionando comunicação e política, às quais pretende dar continuidade na

aposentadoria. Atividades dessa natureza dão maior espaço à concepção, o que permite que haja ressonância simbólica, e, portanto, o exercício da inteligência prática e a obtenção de prazer (Dejours, 2011a).

Entende-se que o exercício dessa mobilização subjetiva no trabalho reflete sobre sua atitude frente a aposentadoria. Érico experimentou fase de pouco trabalho como depressiva e observou insatisfação e tristeza em colegas aposentados que não se ocupam de atividades gratificantes. Isto é, houve um comprometimento da saúde psíquica quando a inatividade bloqueou o acesso ao prazer. Assim, Érico tem preparado seu desligamento da instituição diminuindo sua carga horária e investindo em projetos externos. São indícios de que ele percebe a aposentadoria como fase de possíveis dificuldades, mas não se paralisa diante delas, pelo contrário, cria oportunidades de continuar realizando a si mesmo.

### **A história de Sofia**

*Exerço um trabalho de coordenar as atividades de criação, registro e manutenção de banco de dados destinados à recuperação dos pronunciamentos dos parlamentares (...). O objetivo é organizar esses dados para que eles sejam recuperados. (...) Todo o nosso trabalho consta do site (do órgão) (...) É aproveitado nosso trabalho para compor (outras páginas de internet).*

*(...) É porque eu nunca consegui ter os dez indexadores que foram previstos (...). Então eu nunca consegui ter pessoas para tratar das comissões. Então (...) eu mesma que leio e faço (a indexação dos pronunciamentos das comissões). Além de tratar dos assuntos administrativos, algum problema que haja na seção de atendimento, se faltou gente eu tenho que ver, (...). É um pouco complicado (conciliar gestão e execução),*

*porque você quando você está analisando, você tem que mergulhar naquilo que você está lendo para ter uma boa análise... Não é trabalho perfeito de indexação, é um trabalho de grandes temas (...), mas é o que é possível (...) (Um vocabulário controlado é) algo que nós já reivindicamos (...). Para começar, a XZ não tem o seu vocabulário próprio, está desenvolvendo agora e isso dificulta muito porque nós usamos outros. (...) E também, gostaríamos que quando achássemos o descritor, ele caísse automaticamente na indexação, porque evitaria erros de digitação.*

*(...) o trabalho de recuperação é importantíssimo... Assim, não importa que eles (preferiu não identificar quem) não reconheçam, que eles fiquem o tempo todo “O quê que aquele povo faz lá embaixo?”. Eu e toda a minha equipe sabemos da importância disso. (...). Só que eu consegui recuperar (arquivos anteriores) (...) É um ouro! Para um pesquisador, isso é de uma importância que não dá para você medir. Meu sonho é que essas comissões (...) estejam disponíveis para o público.*

*(...) Aliás, essa a minha grande dificuldade de deixar esse trabalho, porque eu adoro esse trabalho. Gosto, sempre gostei e eu sou uma pesquisadora nata, eu adoro procurar e achar. Então quando qualquer pessoa propõe uma busca, um tema complicado, ele me instiga, eu quero achar. (...) E até hoje, às vezes eu penso “Puxa vida, eu mal vi meus filhos crescerem...”, a minha neta já está virando adolescente, e ... eu fico enterrada aqui na XZ o dia inteiro. “Eu vou me aposentar, eu vou me aposentar, eu vou me aposentar”, aí chego aqui, alguém propõe uma pesquisa difícil e eu já começo, já sento uma ‘pilha’... Aí eu já começo a fazer e pronto!*

*(...) Todo diretor que entra eu falo “Meu cargo está a sua disposição” (...) Porque eu continuo trabalhando aqui em qualquer coisa, mas eu continuo aqui. (...) Agora, quando me perguntam sobre algum assunto que envolva o funcionamento (cita*



três departamentos), *eu estou apta a responder e isso me orgulha muito e eu acho que eu faço falta. Eu gosto do que eu faço, eu visto a camisa da XZ, eu gosto da XZ.*

*(...) Eu pedi aposentadoria e pedi férias, que eu tinha férias para 'caramba'. Aí no meio das férias, eu falei "Eu não vou aguentar, não", aí reverteu o pedido antes de conceder (...). Eu achei "Meu Deus, eu nunca mais vou para a XZ. Eu não vou suportar". Eu senti falta do trabalho, eu queria estar fazendo pesquisa, eu queria estar atendendo uma pessoa, eu queria que alguém precisasse de mim e que eu falasse "Consegui!". Eu queria esse estímulo.*

*(...) E todos acham que eu gosto muito de trabalhar, que eu sou uma pessoa produtiva, até apoiaram demais eu ir lá na universidade (é aluna especial em Lingüística e pensa fazer Mestrado em Ciência Política), "Você tem mesmo que ir para a universidade. Nossa, é a sua cara fazer mestrado com 68 anos!", eles dão o maior apoio para continuar. (...) Eu sou muito difícil de mudar, mas quando eu mudo mesmo, aí eu até esqueço o que aconteceu antes. Eu não sei até que ponto choraria por estar aposentada (...). Eu vou fazer um curso de conversação de inglês e talvez francês (...). Não sei, eu vou fazer outras coisas... Vou ficar o dia inteiro na rua. Arranjar várias atividades (...). Eu não consigo viajar sozinha. (...), teria que ter uma pessoa amiga... Já tentei me encaixar em grupo da terceira idade, porque esse pessoal é muito divertido... Poderia entrar em uma igreja, de repente, né?!*

*Teve uma ex-diretora da XZ que me ligou, falou com a pilha toda: "... Eu estou fazendo banco de dados sobre Allan Kardec e eu estou precisando de indexador. Você não quer vir trabalhar comigo, não?! É de graça, hein, é trabalho voluntário". Eu falei se eu tivesse tempo, eu iria. (...) Com pesquisa, com informação, que é o que eu gosto de fazer. Eu pensei em me oferecer como voluntária na biblioteca (...), diz que está*

*tendo problema de pessoal. Eu vou lá, não ganho nada, mas trabalho. Muita coisa você pode fazer. Eu já andei pensando em umas coisas assim. Agora do xodó mesmo é a Ciência Política. Esse é o grande xodó da minha vida.*

*(...) Eu ate fiz aquele “coaching” (atendimento individual em preparação para aposentadoria oferecida pelo órgão). (...) Fiz o curso de especialização de processos legislativos e eu descobri a Ciência Política. Achei o máximo! Eu adorei a Ciência Política. (...). Eu pensei em fazer um mestrado (...) (Mas, para) resolver meu grande e velho problema das comissões antigas (...) fui lá para fazer esse curso (de Lingüística) (...) E a proposta seria eu ficar como aluna especial, aí depois eu tentava uma vaga no mestrado (em Lingüística)*

*(...) Mas é claro (que continuaria a trabalhar se a Lei permitisse). Sem sombra de dúvida. Tem tanta coisa para ser feita. Eu não me aposentaria, não. (...) Tem uma frase que nós usamos muito (ela e outra colega que também já poderia ter se aposentado há muito tempo), nem sei quem disse essa frase, que “nós somos iguais aos juízes da Suprema Côrte dos Estados Unidos: nunca se aposentam e raramente morrem” (risos).*

Verificam-se semelhanças entre os relatos de Sofia e Érico. Também ela aponta para vivências de prazer por meio de expressões como: “adoro procurar e achar”, “me instiga”, “meu sonho”, “é um ouro”, “sento uma pilha”, “é importantíssimo” ao tratar das atividades; e “me orgulha muito”, “visto a camisa”, “gosto” ao tratar da instituição. Suas atividades também se relacionam com sua área de formação e também envolvem pesquisa, análise e criação, permitindo-lhe criar, condição para a ressonância simbólica, que parece ser ainda mais intensa em sua história que na de Érico. O prazer, que advém da possibilidade de contribuir para o aperfeiçoamento da organização acrescentando algo de si a ela, revela uma busca ou exercício da própria identidade (Dejours, 2011a).

O prazer da contribuição é notado quando cita dificuldades (equipe insuficiente, ausência de vocabulário próprio, deficiência de instrumentos) seguidas das ações empreendidas para dar conta do trabalho (acumular execução e gestão, reivindicar, desenvolver, estudar Lingüística). A retribuição para Sofia não se resume a poder contribuir, mas também resulta do reconhecimento da relevância do trabalho pelos pares. Esse reconhecimento viabiliza a construção de sentido e da identidade, pois o olhar do outro confere pertencimento (Lima, 2013).

Além de identificar-se com as tarefas em si a ponto de imaginar se ocupar na aposentadoria com atividades semelhantes (indexação e pesquisa, mesmo como voluntária) e de permanecer na mesma equipe mesmo que venha a perder a chefia, Sofia identifica-se muito com a instituição também. Isso é perceptível quando relata como se deu conta, após requerer aposentadoria, que não voltaria mais ao órgão e quando narra que não acompanhou o crescimento dos filhos por ter se “enterrado” no trabalho. Assim, é possível que haja uma prevalência da identidade profissional sobre a pessoal.

Como Érico, a grande mobilização subjetiva diante do trabalho lhe proporciona vivências de prazer de modo que não se aposentariam se fosse possível. E como ele, também lida ativamente com a proximidade da aposentadoria, do que se supõe que a percebe como fase de desafios. Participou de uma ação de preparação, que viabilizou perceber na Ciência Política uma alternativa gratificante e levantar alternativas também interessantes. Contudo, diferentemente de Érico, continua plenamente dedicada a projetos institucionais e não iniciou projetos externos e pessoais, o que remete novamente à prioridade dada por Sofia à identidade profissional.

Em suma, ao examinar os relatos dos entrevistados, contatam-se semelhanças entre Abigail, Durval e Eliza tanto pelo modo como empregam mecanismos de defesa,

apontando mais vivências de sofrimento que de prazer, quanto pela dificuldade de lidarem com a aproximação da aposentadoria compulsória. Assim, a aposentadoria não é evitada em razão de uma grande fonte de gratificação, mas em razão de a organização do trabalho ter estimulado tanto a heteronomia que os indivíduos sentem-se ameaçados se privados de sua identidade profissional. A distinção de maior destaque entre os relatos é o fato de apenas Abigail descrever as vivências de sofrimento, sugerindo que os outros dois possam vivenciar a negação em maior intensidade.

Quando se comparam as histórias desses três às histórias de Érico e Sofia, notam-se diferenças quanto à natureza das atividades. Os três primeiros executam atualmente tarefas burocráticas, rotineiras e da área meio; enquanto os outros dois executam tarefas mais complexas, que incluem pesquisa e planejamento, relacionadas à área fim do órgão. Portanto, além de mais visíveis e de reconhecimento mais provável, as atividades de Érico e Sofia tornam viável a ressonância simbólica por permitir a criação, em oposição às atividades dos outros três em que predominam a execução e a repetição. Logo, a probabilidade de transformar o sofrimento via mobilização subjetiva tem sido maior para Érico e Sofia. Assim como a probabilidade de ressignificar continuamente o trabalho e realizar a si mesmo por meio dele. A postergação da aposentadoria nesses dois casos pode ser atribuída ao fato de que o trabalho tem constituído a principal via de obtenção de prazer. Contata-se que ambos, a quem a organização do trabalho permitiu expressar a própria subjetividade, preservando certa autonomia, lidam ativamente com a perspectiva da aposentadoria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar, sob a perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho, as razões que motivam estes entrevistados a não se aposentarem levou a identificar fatores relevantes do contexto do trabalho: predomínio da identidade profissional sobre a pessoal e / ou grande identificação com o trabalho do que se advêm vivências de prazer. Constatou-se que a organização do trabalho, em que se inclui a natureza das atividades, ao viabilizar a mobilização subjetiva e a inteligência prática, a interação com os pares e o acesso ao reconhecimento, resultando no binômio contribuição / retribuição (Dejours, 2011), contribuem com a construção da identidade pessoal. Do contrário, após décadas usufruindo da força de trabalho e tolhendo a autoexpressão, a organização dificulta para o indivíduo perceber-se íntegro e autônomo quando dela desvinculado. Quando isto ocorre, não apenas os indivíduos se prejudicam como a própria organização, que poderia ter se beneficiado da força dos processos psíquicos inconscientes para a produtividade e qualidade do trabalho se possibilitasse maior ressonância simbólica (Dejours, 2011a).

Ações de preparação para aposentadoria, estruturadas ou não, mostraram-se úteis para alguns participantes, mas são ignoradas pelos demais, justamente aqueles que vêm poucas perspectivas. Participar de clínica psicodinâmica do trabalho, em sua modalidade de inclusão, poderia apoiá-los em sua fase de transição, pois, com foco no sentido do trabalho como constituinte do sujeito, a clínica da inclusão permitir-lhes-ia ressignificar a situação vivida (Mendes & Araújo, 2011).

As conclusões a que se chegou com este estudo são limitadas aos casos analisados em razão do pequeno número de entrevistados e do fato de estarem inseridos

em organizações de trabalho distintas entre si, apesar de trabalharem no mesmo órgão público. Contudo, apontam relações relevantes entre aspectos psicodinâmicos do trabalho e a postergação da aposentadoria, as quais poderão ser ainda mais bem investigadas em pesquisas futuras com maior número de participantes, de preferência participantes inseridos na mesma organização do trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antloga, C. & Avelar, R. (2013). Mal-estar no trabalho. In F. O. Vieira, A. M. Mendes & A. R. C. Merlo (Orgs.), *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho* (243-248). Curitiba: Juruá Editora.
- Borges, L. O. & Yamamoto, O. H. (2004). O mundo do trabalho. In J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade & A. V. B. Bastos (Orgs.), *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil* (24-62). São Paulo: Artmed.
- Calgaro, J. C. C. (2013). Servidão voluntária. In F. O. Vieira, A. M. Mendes & A. R. C. Merlo (Orgs.), *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho* (391-394). Curitiba: Juruá Editora.
- Cançado, V. L. & Sant'Anna, A. S. (2013). Mecanismos de defesa. In F. O. Vieira, A. M. Mendes & A. R. C. Merlo (Orgs.), *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho* (249-254). Curitiba: Juruá Editora.
- Dejours, C. (1986) Por um novo conceito de saúde. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 14, 7-11.
- Dejours, C. (1987/2011). *A loucura do trabalho – estudo de psicopatologia do trabalho*. (A.I. Paraguay & L.L. Ferreira, trans.). São Paulo: Cortez-Eboré
- Dejours, C. (2011a). Inteligência prática e sabedoria prática: duas dimensões desconhecidas do trabalho real. In S. Lancman & L. I. Sznelwar (Orgs.), *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (381-408).
- Dejours, C. (2011b). Entre sofrimento e reapropriação: o sentido do trabalho. In S. Lancman & L. I. Sznelwar (Orgs.), *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (433-448).
- Dejours, C. (2011c). Ativismo profissional: masoquismo, compulsividade ou alienação. In S. Lancman & L. I. Sznelwar (Orgs.), *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (193-216).
- Dejours, C. (2011d). Alienação e clínica do trabalho. In S. Lancman & L. I. Sznelwar (Orgs.), *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (255-286).
- Dejours, C. (2011e). Uma resposta durante o seminário “Sofrimento e prazer no trabalho”. In S. Lancman & L. I. Sznelwar (Orgs.), *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (185-192).
- Ferreira, J. B. (2013). Patologias da solidão. In F. O. Vieira, A. M. Mendes & A. R. C. Merlo (Orgs.), *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho* (275-279). Curitiba: Juruá Editora.

França, L. H. (2002). *Repensando a aposentadoria com qualidade – um manual para facilitadores em programas de educação para a aposentadoria*. Rio de Janeiro: Universidade Aberta da Terceira Idade/UnATI/UERJ. Acessado Março 20, 2013, em <http://www.crde-unati.uerj.br/publicacoes/pdf/repensando.pdf>.

França, L. H. F. P. & Soares, D. H. P. (2009). Preparação para a Aposentadoria como parte da Educação ao Longo da Vida. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 29 (4), 738-751.

Lei 8.112 de 11 de dezembro de 1990. Acessado em Dezembro 05, 2013, em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8112cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8112cons.htm)

Lima, S. C. C. (2013). Reconhecimento no trabalho. In F. O. Vieira, A. M. Mendes & A. R. C. Merlo (Orgs.), *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho* (351-355). Curitiba: Juruá Editora.

Marinho, M.C., Rigoni, J., Zago, C.A. & Cardoso, O. R. (2007). Pressupostos para um Programa de Preparação para Aposentadoria: Caso Eletronorte [DVD]. In XXVII *Encontro Nacional de Engenharia de Produção- Enegep*. Foz do Iguaçu-PR, 27, 2007.

Mendes, A.M.B. (1995). Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. *Psicologia Ciência e Profissão*, 15 (1-3), p. 34-38.

Mendes, A. M. & Araujo, L. K. R. (2011). *Clínica psicodinâmica do trabalho: práticas brasileiras*. Brasília: Ex Libris.

Mendes, A. M. & Araújo, L. K. R. (2012). *Clínica Psicodinâmica do Trabalho – o sujeito em ação*. Curitiba: Juruá.

Moraes, R. D. (2013). Estratégias defensivas. In F. O. Vieira, A. M. Mendes & A. R. C. Merlo (Orgs.), *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho* (153-157). Curitiba: Juruá Editora.

Novo, L. F. & Folha, F. A. S.(2010). A importância da Preparação à Aposentadoria: a fala de servidores aposentados da UFPEL. In *X Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria em América del Sur*. Acessado Dezembro 09, 2012, em [http://www.inpeau.ufsc.br/wp/wp-content/BD\\_documentos/coloquio10/196.pdf](http://www.inpeau.ufsc.br/wp/wp-content/BD_documentos/coloquio10/196.pdf).

Rossi, E. Z. (2008). *Reabilitação e reinserção no trabalho de bancários portadores de Ler / Dort: análise psicodinâmica*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia – Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

Siqueira, M. V. S. (2013). Autonomia. In F. O. Vieira, A. M. Mendes & A. R. C. Merlo (Orgs.), *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho* (61-64). Curitiba: Juruá Editora.

Soares, D.H.P. & Costa, A.B.(2011). *Aposent-Ação: aposentadoria para ação*. São Paulo: Vetor.



Sobreira Netto, F. & Pereira Netto, J. P. (2008). *Programas de Preparação para a Aposentadoria – PPA: responsabilidade social das organizações*. Acessado Janeiro 18, 2013, em [http://www.aedb.br/seget/artigos08/254\\_254\\_SeGET - PPA e RS - final.pdf](http://www.aedb.br/seget/artigos08/254_254_SeGET_-_PPA_e_RS_-_final.pdf)

Zanelli, J. C. & Silva, N. *Programa de Preparação para a Aposentadoria*. Florianópolis: Insular, 1996.